

Autora do bestseller internacional *Os Irmãos de Auschwitz*

MALKA ADLER

# A Rapariga POLACA

Inspirado na história real da luta de uma mãe pela sua família,  
e de uma filha que nunca perdeu a esperança de ser amada.

TOP  
SEL  
LER

**INCLUI**  
ENTREVISTA À AUTORA  
GUIA PARA CLUBES  
DE LEITURA

# Prólogo

O mais difícil foi quando os russos entraram em Cracóvia.

Aconteceu no final da guerra, depois de o Dr. Helmutt Sopp ter saído da casa. Foi viver para onde trabalhava, no hospital de Cracóvia. A mamã disse que era o melhor para o professor, e que os bons velhos tempos dos nazis tinham chegado ao fim, tal como um filme de terror. A mamã dizia que Helmutt Sopp era professor, mas, a julgar pelo seu diploma, era apenas um médico. Psiquiatra e oficial nazi no exército de Hitler, mas não era professor. Constatei-o nas cartas que enviou à mamã depois da guerra, quando vivíamos em Haifa. Nos envelopes, vinha escrito:

DR. HELMUTT SOPP

De resto, ouvia as pessoas a tratá-lo por *Herr Doktor* quando ainda vivíamos com ele. Para nós, ele era o grande salvador. Era o responsável pela mamã em Cracóvia. Para mim, era alto, bonito e um bom homem.

A mamã foi governanta da família Sopp durante dois anos.

Contrataram-na graças a documentos especiais obtidos por Lydia, sua irmã mais velha. A mamã manteve o nome Anna e mudou apenas o apelido para Kwiatkowski, um nome polaco que podia salvar judeus da morte. Graças aos documentos de Lydia e ao facto

de a mamã trabalhar para a família Sopp, conseguimos ficar num pequeno quarto onde podíamos viver sem medo do destino cruel que nos espreitava todos os dias, a todas as horas, ano após ano.

Quando soubemos que os russos estavam a aproximar-se de Cracóvia, novas instruções começaram a chegar à casa da família Sopp na cidade. Toni, a mulher de Helmutt, e os seus filhos, Peter e Ammon, partiram para a Alemanha tal como lhes foi dito que fizessem. Nós permanecemos na casa com Helmutt Sopp durante mais uma ou duas semanas, mas logo a seguir, por causa da nova situação, como disse a mamã, Helmutt também saiu de casa e foi viver para o hospital.

Ficámos sozinhos na mansão luxuosa, sem as festas habituais e sem a proteção de Helmutt e Toni Sopp, até que foi anunciado pela rádio que a guerra tinha acabado.

Um dia — estávamos em fevereiro —, chegaram os senhorios polacos. Foi depois da libertação, quando os russos já tinham ocupado as ruas de Cracóvia, caídos de bêbedos ou a dançar a *kazachok*<sup>1</sup> como loucos. Os senhorios disseram à mamã que aquela casa lhes pertencia e que havia papéis que o comprovavam. Permitiram-nos ficar até ela tratar de todos os preparativos. A mamã agradeceu e avisou-nos com o olhar para irmos para o quarto e que fizéssemos silêncio. Os novos senhorios, um homem, a sua mulher e uma filha mais velha do que eu, ocuparam imediatamente uma ala. Eu, a mamã e o meu irmão, que era um ano e pouco mais novo do que eu, desaparecemos no quarto dos criados que ficava ao lado da cozinha.

Eu tinha 8 anos e dava pela maçaneta da porta, alta e esguia.

O Yashu tinha uns 7 anos, e a mamã, 40, bonita como sempre.

Um dia, ouvi a rapariga polaca perguntar ao pai:

— Como se escreve «alemão», com letra maiúscula ou minúscula?

---

<sup>1</sup> Dança folclórica ucraniana que no imaginário popular é fortemente associada aos cossacos. [N. T.]

— Escrevemos todos os povos com letra maiúscula, minha filha — disse ele —, menos os judeus. «Judeu» é com letra minúscula.

— Obrigada, pai — agradeceu a rapariga educadamente, e continuou a escrever no seu caderno.

Lembro-me de perceber naquele momento que todos os povos, sem exceção, eram meus inimigos, mesmo que a guerra tivesse acabado, como apregoavam por toda a parte. *Bem, Danusha, voltaste a não valer nada*, disse a mim mesma.

Percebi também que havia um mundo de muitas nações e que eu estava do outro lado, onde tinha de me esconder. E, acima de tudo, percebi que eu e a minha mãe nos escrevíamos com letra minúscula, que não contávamos para nada.

Senti-me mal por isso. Desta vez, senti-me absolutamente indigna, e isso entupia-me o nariz e ardia-me na garganta. Nem sequer o espelho que adorava me fazia sentir melhor. Eu era uma criança muito calada e educada, com olhos azuis e cabelo acobreado; *tão bonita*, ouvia amiúde. Mas sentia-me mal ao lado da rapariga polaca, e não ajudava que, com 6 anos, já conseguisse ler em duas línguas, e não ajudava que *Frau* von Dorf, a professora de piano em Bad Pyrmont, dissesse que eu era muito musical.

Se bem me lembro, tudo começou na nossa pequena família. Só o papá ficou contente quando nasci, mas ele desapareceu quando fiz 5 anos, e se a mamã dizia que as raparigas não tinham importância, era isso que contava.

Uma boa mãe sonha com um filho primogénito, não com uma filha. Acreditava que teria um filho primogénito parecido com um oficial polaco de posição, digno da sua família de antes da guerra. Disse às irmãs que o primogénito seria muito alto e bonito, não um *Hassid*, um académico, como o avô. A mamã queria um filho que montasse um cavalo nobre, como aquele que tinha visto no seu sonho, aquele sobre o qual sussurrava com as quatro irmãs na sala de estar. Aharon, o irmão mais novo, desapareceu na guerra. Mas qual era o sexo mais forte naqueles tempos, qual? Os homens

esconderam-se ou desapareceram no fumo ou no vento, e as mulheres sobreviveram. Quem derrotou a mamã? Ninguém. Nem a ela, nem às suas quatro irmãs, fortes como o Rochedo de Gibraltar.

Eu era a primogénita de um pai que era um comerciante da Galícia Oriental, não um advogado de Lódz como o marido da minha tia Franca, e neta da avó Rosa, que estava muito mais satisfeita com o advogado de Lódz. A avó Rosa não gostava muito de mim. Senti-o quando a visitei em Cracóvia e brinquei com os meus primos. Senti que eles, os filhos do advogado de Lódz, eram os mais bem-sucedidos.

Quando o senhorio polaco disse à filha que só *żyd*<sup>2</sup> se escrevia com letra minúscula, e que todos os outros povos tinham direito a uma letra maiúscula, percebi imediatamente que, para mim, a guerra não tinha acabado com a entrada dos russos em Cracóvia.

E foi isso que aconteceu.

Nem tudo foi mau durante a guerra.

Talvez fosse por ser pequena, com apenas 2 anos, quando tudo começou.

Quando tinha 3, 4 e 5 anos, e mais tarde também, houve momentos bons. A mamã costumava cantar árias e trechos de ópera logo de manhã, e eu implorava sempre por mais. Não queria que aquelas melodias tivessem fim. Viajámos entre cidades, conhecemos boas pessoas e não nos esqueçamos do jardim tirolês desenhado nos sofás no meio da sala de estar daquele monstro, Josef Wirth.

Houve o bonito Helmutt Sopp, a divertida Toni, vestidos limpos para usar e fitas no cabelo a condizer. Na casa grande da família Sopp havia boa comida, o cheiro das especiarias na cozinha, e «*Frau Anna, es schmeckt gut* — delicioso». Houve os rapazes simpáticos, Peter e Ammon, uma vitrola na sala de estar e uma pilha

---

<sup>2</sup> Judeu. [N. T.]

de discos; houve pãezinhos frescos, bolos maravilhosos e gelados, como nos filmes. Houve o jornal *Die Zeitung*. Aprendi a ler sozinha, e houve livros lindos e convidados importantes em mesas elegantes. Houve bebidas, iguarias e muitas gargalhadas. Houve também um licor invulgar, uma especialidade da mamã, e cantorias maravilhosas dos homens, *Oh, Wisła, Wisła*. A mamã corava.

— Sabia que o apelido Kwiatkowski significa *flores* em alemão? — diziam-lhe, e ela ficava orgulhosa do seu apelido novo.

No pequeno quarto, contíguo à cozinha, havia uma janela com vista para o pátio, onde estava uma árvore lilás com ramos carregados de flores cujo aroma me prendia à janela horas a fio.

# Capítulo 1

A minha primeira recordação remonta mais ou menos aos meus 2, 3 anos. Estou sentada numa cama, e, de pé, à minha frente, está uma mulher jovem, com a boca entreaberta a mostrar os dentes, grandes e salientes. A mulher está a atar o meu laço e a ensinar-me a dizer palavras em russo.

— *Boot Gatob* — diz-me, com os dedos gordos a baterem-me na cara.

Olhei para a unha perto dos meus olhos e vi que era pequena e inchada, e que estava vermelha a toda a volta. Um novo olhar permitiu-me constatar que todos os dedos eram iguais. Ouço-a pedir-me que repita — *Vsegda Gatob. V-se-gda G-at-ob. Vse. Vse. Danusha. Vse. Gda. Gaaa-tob*. Percebeste?

Era-me difícil repetir aquelas palavras em russo, mas ela não desarmou. Manteve-me na cama até ficarmos as duas cansadas e o cão começar a ladrar lá fora. A mulher levantou-se e disse:

— Vamos fazer uma pausa. — Poucos minutos depois, levantou-me da cama e sentou-me na mesa da cozinha. — Não saias daí — disse, enquanto foi buscar um pão enorme.

Arrancou um naco, mergulhou-o num jarro de leite que tinha por perto, cortou uma fatia grande e começou a mastigar, metade dentro e metade fora da boca. Nunca tinha visto a mamã comer assim. Foi quando ela me disse:

— *Nu*<sup>3</sup>, outra vez, diz, *Vse. Vse. Gda. Gaaa-tob.*

Por fim, lá consegui dizer as palavras e ela bateu palmas, virando-se para a mulher mais velha com a cara esburacada que estava sentada a um canto. A idosa tirou vários vestidos de um saco cheio que tinha ao seu lado, sacudiu-os, pousou-os nos joelhos e pareceu satisfeita. Esboçou um sorriso tão rasgado que os olhos se lhe fecharam. O homem magro que estava ao lado dela a abrir caixas de cartão manteve o ar sério.

A mamã estava ao pé da parede com o novo bebé nos braços.

— Este é o teu irmão. — Tentou explicar-me aquele prodígio vezes sem conta, mas eu só queria enfiar-lhe os dedos nos olhos para impedir que se movessem de um lado para o outro. A mamã empurrou-me para longe. — Não faças isso — repreendeu-me.

— Ih, ih — guinchou a velhota alegremente enquanto tirava uma camisola grossa e colorida do saco, acenando com ela na direção da mamã. A mamã olhou diretamente para mim, em silêncio, depois olhou para o papá, que estava à porta, e ele abanou ligeiramente a cabeça. O papá olhou para mim e acenou-me de forma quase impercetível antes de sair de casa.

— Vamos lá — disse a jovem, levantando-me da mesa da cozinha e levando-me para a sala grande.

Senti imediatamente o início de uma celebração. Já havia estranhos sentados à mesa a mergulhar as mãos em grandes tigelas com comida e cheiros que não me eram familiares. Sempre que erguiam os copos, arrotavam e falavam uns com os outros com palavras que eu não entendia. A julgar pelos seus rostos, percebi que estavam felizes.

A jovem sentou-se, pôs-me ao colo e disse:

— *Shhhh. Shhhh.*

O silêncio foi imediato. Uma mulher com grandes olhos castanhos aproximou-se de mim, tocou-me na cara com o dedo e gritou:

---

<sup>3</sup> Interjeição iídiche que pode exprimir surpresa, ênfase, concordância, dúvida ou resignação. [N. T.]



— *Boot Gatob!*

Em menos de nada, sentei-me direita e gritei:

— *Vsegda Gatob.* — Os presentes riram-se a bandeiras despregadas e fizeram muito barulho. Beliscaram-me as bochechas e deram-me doces quando levei as mãos à cara para não doer. Até a mulher grande com a cara esburacada ria do barulho.

Esta mulher às vezes dizia coisas à mamã, que olhava imediatamente para o chão como se a escuridão estivesse para chegar. Mas assim que gritei as palavras em russo, a mulher deu-me um doce e riu-se. Segurei-o bem e, a partir desse dia, comecei a dizer *Vsegda Gatob* de manhã, *Vsegda Gatob* à tarde e *Vsegda Gatob* à noite, e em muitas mais ocasiões, sobretudo quando via a velha com a cara esburacada a aproximar-se dos ouvidos da mamã e esta a ficar imóvel.

Quando tinha 12 ou 13 anos, ouvi a mamã a falar aos vizinhos e admiradores que se tinham reunido na nossa sala de estar em Haifa sobre a velha mulher russa de Tarnopol. Percebi de imediato que se referia à mulher grande com a cara esburacada.

A mamã falou dela em muitas ocasiões, durante muitos anos, e em várias línguas. Falava em iídiche, alemão, polaco e hebraico, e ia alternando consoante as pessoas que estavam na sala de estar e a forma como se sentia. Além de todas estas línguas, acrescentava palavras em francês e inglês. E eu ficava sempre sentada ao seu lado, a olhar para ela.

Muito direita na cadeira, sentava-se com as mãos cruzadas, a falar como uma atriz importante. Tinha o cabelo apanhado e uma testa alta, olhos azuis e um nariz perfeito e reto. Usava um longo vestido azul que combinava com os olhos, e era de uma beleza imaculada. O Sr. Bogusławski, um vizinho que morava no nosso andar e era engenheiro com ligações à Câmara Municipal, dominava a nossa sala de estar. Dizia que a mamã era tão bonita como a Marlene Dietrich. O nosso amigo Bernard Cohen, que morava no prédio ao

lado e trabalhava para a Cooperativa Egged, dizia, *Mas que disparate, ela é tão bonita como a Audrey Hepburn*, mas a mamã apressava-se a pedir silêncio. *Vamos começar.*

A única discussão na sala de estar em Haifa girava à volta da comparação da beleza da mamã. Fora isso, ninguém interrompia as suas histórias. Nenhum dos vizinhos ou conhecidos que a mamã convidava para a sala de estar perdia a oportunidade de nos visitar. Olhavam para ela e bebiam cada palavra que lhe saía da boca — mesmo que ela fizesse uma pausa para assoar o nariz, não baixavam os olhos para a mesa da comida, mas eu sim.

Na nossa sala de estar, os lugares eram geralmente fixos e eram sobretudo os homens que costumavam aparecer. Três dos homens eram assíduos: o Sr. Bogusławski, cuja esposa não ia porque sofria de enxaquecas, Bernard Cohen e Yozek Meltzer, um solteiro jovem que admirava a mamã. Tinha cabelo preto penteado para trás e dedos compridos.

— Como os de um pianista, de aparência marcadamente boémia — dizia a mamã, mas eu sabia que ele não tinha hipótese porque era da altura dela.

O meu lugar fixo era uma cadeira de madeira que ficava ao lado do hall e da cozinha. O lugar do meu irmão Yashu era na rua com os amigos ou em casa deles. Às vezes, sentava-me no chão, para variar, e nunca me chateava ouvir a mesma história vezes sem conta. Havia alturas em que a mamã tinha de contar as histórias pelo menos duas vezes porque um dos convidados tinha ido passar uns dias a um Sanatório Histadrut, por exemplo, como foi o caso de Bertha Ketzelhoim e do marido, Jacob, um ex-atleta. Ouvi-os falar dela e do seu problema nervoso, que tinha piorado e obrigado a uns dias de repouso. Havia alguns que adoeciam e precisavam de ser hospitalizados, mas a mamã não se deixava esmorecer, e todos ouviam a história uma e outra vez — inclusivamente eu, já que não era convidada pelos meus colegas para sair. Os amigos de Yashu convidavam-no quase todos os dias. A mamã recebia convites pelo

menos duas vezes por semana, tanto quanto sei, mas tenho a certeza de que recebia mais, só que não falava sobre isso.

— A Valya ensinou a nossa Danusha a dizer *Vsegda Gatob* — disse a mamã, contando logo a seguir a história da mulher russa de Tarnopol cuja família nos tirou a casa. — A Valya tinha 18 anos e, quanto a beleza... era assim-assim — continuou. Na altura, os vizinhos não sabiam que a mamã provinha de uma família na qual a beleza era uma questão muito séria, amiúde decisiva.

A mamã disse que Valya ficou encantada com a sua menina. Costumava pegar-me ao colo e punha-me uma bandeirola na mão, enquanto repetia o chavão da Juventude Comunista, *Boot Gatob*, que significa «vive a postos», ao que o interlocutor respondia *Vsegda Gatob*, que significa «sempre a postos».

Contou que Valya era a líder da filial local da Komsomol, a Juventude Comunista, e que, a partir daquele dia, tinha pressionado a mamã para que me levasse às festas noturnas que os seus pais, Yevdutyia e Sasha Tarasova, organizavam na nossa sala de estar, em Tarnopol.

Foi em 1939 que o Exército Vermelho entrou na Polónia. As autoridades russas tomaram conta do nosso apartamento em Tarnopol, na Galícia Oriental. Era um edifício novo de três andares num bairro apetecível da cidade, disse a mamã, e ali viviam a avó Leah, do lado do papá, Gustav, o irmão do papá, e a sua família, e a minha família. Segundo a mamã, não nos faltava nada e tínhamos uma vida muito boa. A mamã não disse que o papá ia ter com a mãe, a avó Leah, para comer antes de voltar para casa e que ela se zangava. Só o soube mais tarde quando ouvi a mamã a falar com as irmãs.

Os convidados ouviram a mamã contar, na sala de estar em Haifa, que a nossa família tinha uma grande retrosaria em Tarnopol: camisas de homem, colarinhos para camisas de homem e material de costura. Todos conheciam a loja. Os russos também ocuparam a loja no início da guerra, mas o papá conseguiu guardar parte do stock e usou-o para trocar por bens alimentares.

Yevdutya, a mãe de Valya, era ativa no Partido Comunista.

— Ocupava um alto cargo, era uma *Commissar* — disse a mamã —, e os militares russos deram-lhe a nossa casa pelos seus préstimos. Yevdutya, a par da sua filha Valya e do marido, Sasha, ocupou o nosso apartamento no terceiro andar. Ficou com a grande sala de estar e o quarto adjacente para si, e nós ficámos com um quarto e uma sala para as crianças. A cozinha, a casa de banho e o lavabo eram comuns. Sim, foi isso que aconteceu quando os russos entraram na Polónia — disse a mamã na sala de estar em Haifa. Surgiram-me de imediato imagens dos russos no primeiro dia:

Está uma manhã cinzenta e nublada. A mamã está de volta dos tachos na cozinha. O papá saiu para a loja, de fato. O bebé Yashu está a dormir no berço. Eu estou a brincar silenciosamente no tapete com uma boneca grande e alguns tachos e colheres, a tentar pensar no que vou cozinhar naquele dia. Digo à boneca, *Abre a boca, come, come*, mas ela não abre a boca e eu não consigo empurrar nada lá para dentro. Insisto com a colher e ouço uma batida forte na porta. *Bum, bum*.

Foi a partir desse momento que pessoas estranhas vieram viver para nossa casa. Vagueiam pela nossa casa o dia todo, a falar em voz alta. Não percebo nada do que dizem. Entram muitas vezes na cozinha e comem à nossa mesa. Dormem todas as noites nas nossas camas. E logo a seguir aparecem mais estranhos, que entram e saem, dia e noite, comem e bebem. Estão felizes e usam muito o nosso lavabo. A porta estava sempre a abrir e a fechar, a abrir e a fechar. A mamã limpa a sanita antes de ela ou eu nos sentarmos.

— Danusha — sussurrava-me. — Danusha — e levantava o piaçaba para eu ver o que ela estava a fazer —, nunca te sentes na sanita sem antes a limpares com este piaçaba, está bem?

No início, tinha medo das proibições na nossa casa, mas, acima de tudo, tinha medo da algazarra na sala de estar, e das pessoas. Depois habituei-me. O papá e a mamã não falavam com os estranhos, ficavam no quarto connosco.

Entretanto, ouvia a mamã a contar histórias na sala de estar. Dizia que Yevdutya, a mulher da cara marcada, tinha apanhado varíola e provavelmente tinha coçado tanto que dera cabo da cara para sempre. Uma mulher disse à minha mãe que a nossa família estava em perigo. Disse que havia revistas à noite, que eles levavam os rapazes e os homens, que não era boa ideia o papá dormir em casa e que ele devia arranjar um lugar seguro. *É perigoso*, disse ela à mamã. *Eles fazem revistas de surpresa em busca de capitalistas. É demasiado perigoso.*

Os convidados da sala de estar riram-se quando a mamã imitou a voz de uma *Commissar* russa enquanto se mexia na cadeira como uma camponesa gorda.

— Esperem, esperem. — A mamã pediu aos convidados que se calassem e acrescentou tristemente o que a *Commissar* lhe tinha dito, depois de uma conversa séria com o seu marido magro, Sasha. — Tu e os teus filhos também devem sair de casa.

Os convidados da sala de estar ficaram tensos. A mamã acenou com a mão e disse:

— A *Commissar* disse-me que, até lá, seria atenciosa. Mas só até lá, porque era inverno e as crianças eram pequenas. O Yashu ainda não tinha feito um ano. Mas não perdia uma ocasião para me lembrar que capitalistas como eu e o meu marido, que viviam à custa do povo, deviam ser deportados para a Sibéria.

Já ninguém se riu na sala de estar quando a mamã imitou a voz da *Commissar* ou a do marido. E foi isto que a mamã disse aos convidados:

— Sasha, o marido de Yevdutya, que era vários anos mais novo e tinha faces encovadas e olhos negros que olhavam para todo o lado em pânico, desaparecia à noite e regressava de manhã carregado com pacotes de mercearia cara. Ninguém via coisas daquelas no mercado. Verdadeiras iguarias. Uma manhã, fiquei chocada, *Ich war Entsetzt*. Sim. Fui dar com metade de um porco no meio da mesa da cozinha. Imaginam o impacto que aquilo teve em pessoas

que faziam uma alimentação *kosher*? Perguntei-lhe onde arranjou o porco e ele disse-me que ele e os amigos do Partido faziam buscas noturnas nas casas dos agricultores ricos de Tarnopol, aqueles que tinham enriquecido à custa do proletariado, e esvaziavam-lhes as caves.

A mamã interrompeu o relato e abriu o leque. Tinha as faces rubras.

As pessoas riram-se na sala de estar. O Sr. Bernard Cohen, o partidário da guerra, que tinha dedos gordos como salsichas, mostrou-se zangado com Sasha e os seus amigos do Partido.

— Conheço-os — disse em voz alta. — Conheço muito bem esses comunistas. Ladrões do Proletariado, *Yobtbiomat*, malditos sejam! Conheço-os muito bem.

Klara Cohen, a sua mulher, que estava sentada ali perto, disse:

— Chega, Bernard, chega. Estás a interromper a Anna.

— Então, porque é que ele veio? — sussurrou Bertha Ketzelboim, a beliscar os dedos.

— Porque só pode falar da sua vida aqui, em casa da Anna — respondeu o marido, Jacob, um electricista certificado que tinha o corpo de um atleta.

A mamã sorriu para Klara, como se permitisse a indignação do marido, e fiquei surpreendida por Klara não esfregar óleo de peixe nas partes secas que tinha por todo o couro cabeludo. Mesmo em casa dos Sopp, a mamã borrifava umas gotas de óleo no cabelo para o fazer brilhar.

Mas a mamã não se esqueceu do irritante Sasha. Disse:

— Aquele Sasha, o paladino do Proletariado, não tinha vergonha de usar o fato elegante do meu marido e de sair para a rua com o melhor casaco de peles que encontrou no nosso armário. Até a sua mulher, a modesta *Commissar*, se apaixonou por um dos meus vestidos de noite, um belíssimo vestido de seda branco, *nu*. Certamente não haveria vestidos daqueles na aldeia dela. Eu vi-lhe as mãos; mãos que arrancaram muitas batatas. Nunca teria hipóteses

de receber ou comprar um vestido daqueles. Tinha comprado o vestido na melhor loja de Cracóvia e, de repente, ali estava ela a vaguear pela casa o dia todo com o meu vestido de seda, como se estivesse à espera de uma grande festa, *ein großer Ball*. Isso não a impediu de se aproximar de mim e de dizer, calmamente, *Preparem-se para partir, preparem-se. Vão partir na primavera*.

A mamã fez uma pausa momentânea, enquanto pensava se devia contar ou não, e pôs a mão no peito.

— Coragem, Anna, coragem. — O Sr. Bogusławski, o nosso vizinho do prédio, levantou-se da cadeira. — Não há nada a temer, Anna. A vida avança, continua, ou como é que se diz.

Sentou-se novamente, e todos os outros aprovaram as suas palavras. A mamã olhou para ele, tal como eu, e provavelmente reparou nos múltiplos pelos ruivos que lhe saíam das orelhas. *Como uma floresta*, ouvi-a dizer certa vez para si mesma, e soube de imediato que se referia às orelhas dele, porque ele não tinha quase nada na cabeça.

— Coragem, Anna, coragem.

Inclinou-se para ela, que não perdeu um instante antes de dizer:

— Era inverno. Passaram-se muitos dias sem que eu lavasse a roupa branca. Adiaava todos os dias, com medo de que a *Commissar* a cobiçasse. Esperei até ao dia em que ela disse *Vou passar o dia fora de casa*. Só nesse dia é que tirei a roupa do esconderijo e, juntamente com a Stefa, a minha criada, começámos a lavar a roupa. Mas foi quando a *Commissar* apareceu, com as mãos nas ancas. Pôs-se ao lado da tina e lançou uma sombra negra sobre a roupa branca. Rapidamente comeci a esfregar a roupa como se estivesse a lavá-la. Enquanto isso, tentei esconder os lenços e as toalhas que a minha mãe tinha bordado com as iniciais dos nossos nomes por baixo da tina, assim como as toalhas de mesa que ela tinha bordado em *petit point*, um bordado particularmente delicado. Tudo para o meu enxoval. Demorei-me com a roupa branca, os pijamas, os roupões, virei as mangas do avesso, esfreguei-as, virei-as do direito, esfreguei

o colarinho à bainha, virei-as do avesso e do direito, e ela não abria a boca. Veio pôr-se ao meu lado, os olhos negros, a mexer os lábios como se estivesse a dividir a pilha da roupa branca: muito para ela, pouco para os outros.

A mamã respirava com dificuldade ao dizer em voz baixa:

— Naquela noite, aconteceu. Toda a belíssima roupa branca que tínhamos pendurado no sótão desapareceu. Não ficou nem um lenço bordado. O que mais me custou foi não ficar com nenhuma relíquia da casa da mamã e do papá.

Um pássaro voou contra as persianas da varanda e os convidados deram um salto. A tristeza permaneceu, e todos prostraram o olhar no chão, envergonhados com o que tinha acontecido à roupa branca da mamã. O ar fresco anunciava o outono e a mamã tirou um lenço bordado do bolso do vestido, limpou o pescoço suavemente e guardou o lenço na palma da mão.

Em seguida, respirou fundo como se se preparasse para mergulhar e disse calmamente:

— Por favor, venham beber um chá.

Os convidados aproximaram-se da mesa da comida sem a algazarra habitual. Havia pratos de amendoins e *pretzels*, e uma bandeja com bolos de cacau. Não me aproximei da mesa.

Olhei para a mamã. Vi que estava muito distante, como nos tempos da guerra.



## Capítulo 2

Certa manhã, saímos da nossa casa em Tarnopol. O papá e Stefa, a criada, desceram com várias malas. Voltaram para o apartamento. Stefa pegou noutra mala, o papá pegou-me ao colo e levantou-me no ar, disse-me para me segurar bem, pegou numa mala e eu agarrei-o com muita força enquanto ele descia as escadas. A mamã, com o Yashu nos braços, desceu devagar antes de nós. O prédio estava vazio. Toda a família do papá do primeiro e segundo andares já tinha partido.

Stefa aguardava junto a uma carroça puxada por um cavalo. A neve derretia nas ruas enquanto a mamã arrumava as malas na carroça. O papá olhou para o prédio, agora sem a sua família. Fiquei ao lado dele enquanto olhava para cada uma das janelas. Esfregou os olhos à vez com uma mão. Fiquei agarrada à bainha do seu casaco, enquanto esperava pacientemente, tal como a mamã, que ele acabasse de olhar para as janelas.

Stefa escondeu as lágrimas com as mangas do casaco. Sem dizer uma palavra, o papá arrumou as malas na carroça. Por fim, chamou-nos quando já estava tudo pronto para seguirmos viagem.

A mamã subiu primeiro com o bebé Yashu. Eu fui logo atrás. Stefa correu para junto do papá e ficou a soluçar agarrada ao seu casaco de lã. Ele deu-lhe umas palmadinhas nas costas e mordeu o lábio. A mamã observava, de costas direitas, os olhos distantes. O papá afastou gentilmente Stefa e disse:

— Cuida de ti, porque dias melhores virão, Stefa. — E acenou com a mão.

Seguíamos muito apertados na carroça, mesmo que o bebé Yashu fosse nos braços da mamã. Pedi colo ao papá, mas ele não me ouviu. Ficou a olhar para a nossa casa mesmo quando o cavalo começou a andar. Virei-me e abanei a minha bandeirola a Stefa. Quando saímos da rua, a mamã tirou-me a bandeirola e guardou-a na mala.

Naquela tarde, chegámos a casa de uma família polaca. Deram-nos um quarto grande e novo. Ficava em Brzeżany. No quarto grande onde dormia com a mamã, o papá e o bebé, ninguém me pediu para dizer palavras novas como *Vsegda Gatob*, por isso não disse nada. Havia uma larga secretária de madeira, cadeiras e um espelho na parede. Dois passarinhos que pareciam bons amigos olhavam para fora da moldura. Tinha medo que o seu chilrear acordasse o bebé, porque a mamã estava sempre a dizer:

— Cala-te, cala-te. Não vês que o Yashu está a dormir?

Felizmente, aqueles pássaros nunca chilream, mesmo quando eu queria que o fizessem. Tinha muito tempo para esperar pelo chilrear. Podia esperar dias a fio. A rua não era segura para as crianças e as nossas vidas estavam confinadas ao interior da casa, ao quarto grande com toda a família e com o espelho e os pássaros imóveis nos cantos da moldura.

Bastaram alguns dias para a vida no quarto grande se tornar aborrecida. Sentia falta de Valya e dos seus dentes, de me sentar ao colo dela e de aprender a dizer palavras em russo. Não disse que tinha saudades de brincar com a Valya de Tarnopol. Não disse nada, ficava só à espera de surpresas que nunca chegaram. O papá não ficava em casa e o colo da mamã estava ocupado com o bebé, que estava sempre a chorar ou a dormir. Às vezes, quando a mamã saía do quarto, eu passava por ele e aflagava-lhe o cabelo até entrelaçar alguns fiapos

nos meus dedos. Tinha muito pouco cabelo, mas quando sentia que eu tinha agarrado num punhado, ele desatava a chorar. Eu afastava-me de imediato. Quando a mamã entrava a correr no quarto, eu já não estava perto dele.

— O que se passa, o que se passa, meu menino? — perguntava ela ao bebé, que não parava de berrar, e eu afastava-me deles, a apreciar os pássaros do espelho. Às vezes, tentava pensar numa pergunta para lhe fazer para que a mamã ficasse no quarto, mas ela saía assim que o bebé parava de chorar, e a verdade é que nunca conseguia pensar em perguntas a tempo.

Uma vez, quando ela saiu do quarto, pus-me em cima da mesa, estiquei a mão e acariciei os passarinhos. Os seus corpos estavam frios como gelo, e foi então que descobri um grande rosto no espelho.

Virei-me. Não estava lá ninguém. Voltei-me para o espelho e vi grandes olhos, azuis como os da mamã, faces rosadas e um cabelo apanhado numa fita larga que mais parecia uma borboleta. Lentamente, levantei a mão e toquei na minha cabeça — seria a minha? Coloquei os dedos no espelho. Estava tão frio como os pássaros. Olhei para o nariz, os lábios — seria eu?

Ri-me baixinho e levantei o queixo. O rosto moveu-se para trás na diagonal, coisa que achei adorável. Em seguida, empurrei o queixo contra o peito, levantei ligeiramente a cabeça, virei-a para a direita, para a esquerda, olhei-me de lado até me doer o pescoço, e depois ouvi o bebé a balbuciar no berço. Desci da mesa e fui ter com ele. Olhou para mim e balbuciei, *Gru, gru, grum*. Toquei-lhe na face com o dedo, e ele riu-se, respondendo com um «ba, ba, ba», enquanto estendia a mão. Devolvi-lhe o «ba, ba, ba» e voltei para o espelho.

Depois disso, sempre que a mamã saía da sala, subia para a cadeira e depois para a mesa. Inclina o queixo para cima e depois olhava para o espelho, com um ligeiro sorriso, como a mamã. Percebi de imediato que era especial. Senti amor pelo rosto que vi.

Já tinha visto um rosto semelhante em várias fotografias de raparigas entre a floresta e o céu. Sabia que a rapariga no espelho era eu e queria saber como tinha conseguido entrar nele. Como conseguí ir do meio da mesa para o espelho na parede? Dei dois passos em frente e olhei para trás. Não percebi. Às vezes olhava durante meia hora, às vezes, uma hora, às vezes só tinha um minuto, mas não abdicava destes encontros. Aquele rosto era o meu primeiro e único amigo. Um amigo gentil que estava sempre lá enquanto eu olhava para o espelho. Nunca saía dali. Tínhamos muito tempo e nunca ninguém nos incomodou. O papá saía de manhã cedo, a mamã saía para pendurar a roupa ou comprar alguma coisa, o meu irmão Yashu estava a dormir, e nós brincávamos muito bem juntas.

Havia alturas em que não queria ir ao espelho.

Como nos dias em que a mamã entrava no quarto. Podia ser quando voltava de tratar da roupa ou de fazer recados na cidade, podia ser ao meio-dia, ou de manhã, quando tínhamos acabado de acordar, eu e o meu irmão, e ela entrava no quarto e seguia diretamente para a cama do Yashu e acariciava-o, dizendo:

— Bom dia, meu doce menino, dormiste bem?

Nessas alturas, aproximava-me imediatamente da mamã, agarrava-me à perna dela e não me importava que ela me afastasse. Embalava o Yashu nos braços e afastava-me. Só a largava quando me dizia:

— O que se passa contigo? Deixa-me em paz.

Por vezes, o papá também entrava no quarto, e a mamã, que tinha sempre o Yashu nos braços, dizia:

— Papá Moshe, olha que menino tão grande. Não está um matulão?

O Yashu já percebia algumas palavras e saltava nos braços da mamã enquanto chamava, excitado, *Papá, papá*. O papá estendia os braços e pegava no Yashu, beijava-o na face e olhava para mim.

Puxava rapidamente uma cadeira na minha direção com o pé, sentava-se nela com o Yashu ao colo e abraçava-me com força. Queria ficar assim até ao dia seguinte, mas tudo acabou muito depressa. O papá saiu de casa seguido pela mamã. Eu ficava na minha cadeira, sem vontade de subir à mesa e olhar para o espelho.

Às vezes demorava um dia inteiro a ganhar vontade, às vezes, dois dias, até mesmo uma semana. Por exemplo, se a mamã me tivesse dado uma bofetada e eu soubesse, mesmo sem olhar ao espelho, que tinha uma marca ou inchaço no rosto, só queria ficar sozinha, sem ver a minha amiga ao espelho. O que eu mais queria era ficar ao lado da perna da mamã, agarrada a ela, para que não se afastasse de mim.

Lembro-me de, certa vez, ter desmontado uma boneca grande. Tinha curiosidade em saber o que ela tinha dentro do corpo — talvez um bebé? Seria menino ou menina? Abri-lhe a barriga e encontrei palha. Tirei a palha, e nada, a barriga estava vazia. Fiquei sem saber como voltar a fechar-lhe a barriga.

A mamã viu a boneca destruída e bateu-me. Bateu-me na cara, nos braços e nas costas, até ficar com a mão inchada, e depois disse-me:

— Vês? Obrigaste-me a bater-te e agora dói-me a mão por tua causa.

Fugi a chorar. Chorei porque me doía a cara, os braços e as costas, e porque obriguei a mamã a bater-me com muita força até lhe doer a mão.

Quando a mamã saiu para lavar a roupa, sentei-me em silêncio na minha cadeira e decidi que doravante seria uma menina bonita, a melhor do mundo, daquelas que não obrigam as mães a bater-lhes.

Alguns dias depois, a mamã entrou no quarto com uma cortina na mão. Subiu a uma cadeira para a pendurar por cima da janela e, *BUM!* Caiu estatelada no chão. A mamã caiu da cadeira e partiu o braço. Assustado, o papá correu para ela, dizendo:

— Anna, Anna, o que aconteceu?

Eu tinha lágrimas de preocupação e medo nos olhos. Nas semanas seguintes, a mamã andou sempre com a mão atada num lençol.

Um dia, tinha eu 4 anos, talvez menos, a mamã estava de pé à janela, com a mão atada ao peito. O seu olhar estava perdido em pensamentos sérios e eu estava a lutar com o Yashu por causa de brinquedos. A mamã disse:

— Danusha, já és crescida, faz-lhe a vontade.

Ouvia sempre aquilo quando discutia com o meu irmão, mesmo depois de ele já ser crescido e até mais forte do que eu:

— Danusha, és crescida, faz-lhe a vontade, faz-lhe a vontade, faz-lhe a vontade.

Deixei o meu irmão e fui ter com ela. Os seus olhos estavam ainda fixos na janela quando lhe disse:

— Como é que eu sei que a mamã é mesmo a minha mamã?

Desde o dia em que comecei a falar que usei a terceira pessoa em polaco quando falava com a mamã.

A mamã ficou em silêncio. Olhou para mim, levantou-se e foi para junto do Yashu. Ele ainda não falava e, quando queria algo, gritava. A mamã acariciou-o e beijou-lhe as faces.

Fui sentar-me na minha cadeira, a matutar. Como pode uma criança ter a certeza de que a mamã que tem em casa é mesmo a sua mamã? Talvez a criança precise de um sinal da mamã. Eu só não sabia que sinal.

Os polacos tinham uma casa com uma pocilga. Sempre que havia a matança do porco, ouvíamos gritos horríveis, e foi assim que fiquei a saber o que era a morte. E havia ratos que faziam barulho na parede.

Comíamos amiúde pão ázimo, e a mamã usava o forno para fazer pão ou assar batatas. A mamã, que sabia desenrascar-se em qualquer situação, fazias pastéis a partir de borras de café e adicionava um ovo. Às vezes queria ajudá-la, mas ela não deixava.

As duas filhas da mulher polaca com quem vivíamos gostavam de brincar com o Yashu. Diziam-lhe, *Yashu yest chisti*, que significa que estava limpo, e insistiam para que ele repetisse o que diziam. Escolhiam palavras difíceis de propósito, repetindo-as vezes sem conta. O Yashu não conseguia dizer as palavras em polaco.

Eu sabia como dizer *Yashu yest chisti* e repetia-o discretamente para mim mesma. As duas filhas da polaca ensinaram-me que são as cegonhas que trazem os bebês. Um dia, disseram-me:

— Porque é que o Sol brilha ao sábado? — Eu não sabia. — Porque lavaram as fraldas de Jesus num sábado e penduraram-nas para secar em homenagem ao domingo, e, desde então, o Sol brilha aos sábados, percebeste?

Eu não via o Sol, fosse sábado ou dia de semana. Via o céu cinzento, quase negro.

Só em Haifa é que vi céus rasgados como oceanos, a caminho de nossa casa. Às vezes olhava para o mar, da varanda, e via como a água e o céu se fundiam, com nuvens aqui e ali em tudo semelhantes a penas macias. A vista mais desafogada era da minha cadeira, da porta para a sala de estar. A mamã deixava a porta da varanda aberta nas noites de verão por deferência para com os convidados que iam especialmente ouvir as suas histórias sobre a guerra.

O Sr. Bogusławski costumava abrir as hostilidades com a sua voz festiva:

— Hoje, deixamos Tarnopol. — Ou: — Hoje, vamos falar sobre Brzeżany, Anna, pode ser? — E depois curvava-se e sentava-se como um oficial importante. Havia alturas em que não se lembrava da parte em que tínhamos ficado na história e, assim que entrava, chegava-se ao pé de mim, com um cheiro intenso a perfume, e perguntava discretamente: — Danusha, onde é que ficámos? Lembras-te?

— Comece na parte da carroça e do cavalo — respondia calmamente —, porque isso é na parte final em Tarnopol.

O Sr. Bogusławski começou pelo fim, mas a mamã disse de imediato:

— Saímos da casa nova na nossa rua exclusiva. Deixámos para trás três pisos mobilados, pratos, lençóis, toalhas de mesa e um cavalo e carroça. — Disse isto num tom particularmente calmo e os convidados ficaram em choque. Vi-o nos seus rostos. — E depois aconteceu — acrescentou a mamã. — Aconteceu pouco depois de ouvir a *Commissar* Yevduty Tarasova a gritar com o marido, Sasha: «Não és apenas o Sasha, és um judeu, *Żyd*. Isaac, *Żyd*, *Żyd*.» E Sasha, o *Żyd*, empalideceu e calou-se. Olhou para mim e para os meus filhos em silêncio e eu fiquei cheia de medo. Passou uma hora, talvez um dia, e o Sasha chamou-me à parte e sussurrou que seria melhor procurarmos outra casa, longe, talvez numa aldeia. Pediu para nos apressarmos antes que acontecesse algo de terrível, e, de facto, o meu marido não esperou. Ele foi para Brzeżany e conseguiu encontrar um grande quarto no rés do chão da casa de uma família católica devota. Acertou o preço — alto, como já se esperava — e mudámo-nos para a casa da família Moskova, marido e mulher e duas filhas crescidas, que faziam salsichas e vários tipos de charcutaria. Gustav, o irmão do meu marido, e a sua família, juntamente com a minha sogra Leah, também trocaram Tarnopol por Brzeżany, na mesma altura em que várias outras famílias judaicas foram deportadas pelos russos, que depois lhes ocuparam as casas.

Quando a mamã falou da família Moskova, vi-a a contar o que aconteceu à nossa família de uma forma muito bela. Em silêncio, fiquei a comer fruta enquanto reparava em como a minha mãe era bonita com o cabelo apanhado num carrapito preso por ganchos de cabelo. Com as costas direitas, a cabeça erguida e as mãos cruzadas sobre o vestido azul, parecia uma rainha.

A mamã contou que só passámos uns dias naquele quarto. Nem tínhamos tido tempo de abrir todas as malas quando lhe disseram para ir à cozinha, olhar pela janela e ver com os seus olhos.



— O que vê? — perguntou a Sra. Moskova, e pela janela aberta a mamã viu soldados alemães a marcharem com espingardas enquanto à sua frente, a uma curta distância, soldados soviéticos marchavam em fila e gritavam, *Hurra! Hurra!* enquanto as balas silvavam por todos os lados e as pessoas caíam como moscas.

Os aviões apareceram subitamente e, a espaços, havia explosões aterradoras. Muitos edifícios ruíram.

— As paredes da casa onde vivíamos estavam crivadas de buracos, a destruição era mais do que muita — disse a mamã, acrescentando de imediato, de forma quase impercetível: — E foi então que os ucranianos começaram a procurar judeus...

Quando a mamã disse a palavra «ucranianos», vi os convidados começarem a mexer-se nas cadeiras de fórmica que, no final da história, já brilhavam de tão polidas.

O Sr. Bogusławski, de cabelo ruivo, foi quem mais se mexeu na cadeira.

— Coragem, Anna, coragem! A mamã fez um pequeno gesto na sua direção, mas ele só baixou a voz: — Coragem, querida Anna, coragem!

O Sr. Bogusławski adorava as histórias da mamã. As suas faces ficavam arroxeadas, como se tivesse comido *cholent* do Sabat. Foi assim no primeiro e segundo anos das histórias. No terceiro ano, sentou-se normalmente, mas, mesmo nos anos seguintes, quando os convidados começaram a mudar, não abdicou da sua cadeira habitual à janela nem do seu entusiasmo. «Coragem, coragem, Anna», dizia, como se fosse a primeira vez que ouvia falar da casa polaca em Brzeżany. A certa altura, ouvi a costureira da mamã a dizer:

— Bem, o que vai ele ficar em casa a fazer com uma mulher que sofre de enxaquecas? Claro que quer vir a casa da Anna, ela é linda e a comida é ótima.

A mamã contou que os senhorios polacos em Brzeżany nos ajudaram e que disseram que, se houvesse uma busca, o papá podia subir a escada para o sótão e esconder-se lá.

Um dia, a Sra. Žilinská, a irmã mais nova da senhoria, disse-lhes que queria ver se os judeus que levavam para a floresta, na periferia da cidade, iam mesmo fazer trabalhos forçados, como diziam na cidade. Seguiu-os casualmente e, quando entraram na floresta, escondeu-se a uma distância segura atrás das árvores de grandes dimensões. E o que viu ela? Hã?

Viu os judeus a cavarem buracos profundos. Em seguida, foi-lhes dito para saltarem para dentro dos buracos e depois ouviram-se tiros, e, silenciosamente, os judeus desapareceram lá dentro. Alguns minutos depois, o que viu ela? Viu outros judeus a chegarem ao local e a encherem os buracos com terra, e jurou, por tudo o que lhe era mais sagrado enquanto católica, que quando os alemães partiram, ela voltou lá e viu o que já se sabe que viu.

A mamã ficou em silêncio. Os dedos moveram-se como se procurassem algo a que se agarrar.

O gordo do Bernard Cohen, que desatava a roer as unhas assim que entrava na sala de estar, ficou agarrado à unha do polegar. Havia três ou quatro mulheres na sala de estar, a maioria eram homens, e todas as mulheres tiravam lenços das malas e limpavam os olhos, e eu continuava de olhos fixos na mamã. Nem um músculo se mexeu na sua cara. Sentou-se direita no seu vestido azul, que lhe assentava muito bem. A Sra. Zelikowitz, a costureira, tinha feito o vestido especificamente para ela. A Sra. Zelikowitz ia ter connosco muitas vezes, e ela e a mamã falavam muito sobre mulheres que tinham conhecido ao longo da sua vida.

E depois a mamã disse:

— Uma manhã, muito cedo, ainda escuro, a Sra. Žilinská bateu à nossa janela como um anjo protetor e disse para acordar as crianças e para nos escondermos de imediato na igreja durante algumas horas. Disse que os alemães e os ucranianos estavam a correr de casa em casa à procura de crianças, mulheres e homens judeus. Ela disse ao meu marido para se esconder no sótão. Tirei imediatamente a Danusha e o Yashu das suas camas quentes e só tive

tempo de lhes vestir os casacos antes de correr imediatamente para a igreja. Ficámos sentados em silêncio a um canto. O frio penetrava nos nossos ossos. Todo o meu corpo tremia, com as crianças coladas a mim. Os fiéis começavam a chegar para as orações matinais. O padre aproximou-se de mim e pediu-me que saísse da igreja com as crianças. Sim, sim, ele pediu-me para sair com as crianças, ao encontro do frio, ao encontro dos alemães e dos ucranianos que batiam às portas em busca de judeus, e estava perfeitamente ciente disso — ele e toda a cidade. Notícias como aquela espalhavam-se rapidamente pelas ruas. Uma dor pesada tomou conta do meu coração. Respirei fundo, olhei-o nos olhos e disse calmamente: «Porque é que o padre não finge que não me vê? Afinal de contas, qualquer um pode vir à igreja rezar. Nós também somos filhos de Deus.» E o padre virou as costas e deu início à missa.

A mamã parou para humedecer os lábios.

As pessoas olharam umas para as outras, estupefactas, e depois, puf, como se alguém tivesse rebentado um balão, começaram a bater palmas e a gritar:

— Ouviste, ouviste? Ela salvou as crianças. Muito bem, Anna, muito bem.

— Temos de prestar homenagem aos poucos que nos ajudaram quando as nossas vidas não valiam nada — disse Bernard Cohen —, como a Sra. Žilinská.

— Apoiado — concordaram os restantes convivas.

O Sr. Bogusławski levantou-se da cadeira, sorriu e dirigiu-se à casa de banho. Pelo caminho, olhou para mim e disse:

— Uma verdadeira heroína, a tua mãe. Uma mulher sem igual. Lembra-te disso, sim? — E desapareceu para lá da porta.

Não me lembrava da igreja nem do padre, mas era normal a mamã falar assim com um padre. Não tinha medo de ninguém, nem do padre, nem dos ucranianos, nem dos oficiais nazis. Só uma coisa a assustava mais do que tudo: o poço que havia debaixo da cozinha da família Moskova. Ela tinha pavor daquele buraco, e tive

noção disso quando o senhorio sugeriu que o papá ampliasse o poço no caso de surgir algum novo perigo. Ele já sabia que os ucranianos e os alemães não iam deixar em paz, e era importante que nós os quatro coubéssemos no poço para nos escondermos.

O papá gostou da sugestão, cavou e cavou, mudou as coisas de um lado para o outro, forrou o chão com cobertores, e quando tudo ficou pronto, chamou a mamã:

— Anda, Anna, vem ver se há ar suficiente para respirar.

A mamã estava de pé, encostada a uma cadeira ao fundo da cozinha. O seu rosto estava da cor da cal. Abanou a cabeça e disse, em surdina:

— Não vou entrar, não, não, não quero ser enterrada viva — disse, e virou as costas e desapareceu. Olhei para o papá, que ficou muito triste. Aproximei-me dele. Ele estendeu a mão e disse:

— Anda, Danusha, anda ver o poço.

Segurei na mão do papá e entrei no poço. Não tive medo de nada. Sentei-me no colo dele e trauteei a nossa canção.



## No epicentro da guerra que dilacerou o mundo, uma mãe desejava um filho e uma filha precisava de uma mãe.

Inverno de 1939: Depois da invasão da Polónia pelo exército nazi, Danusha é forçada a fugir de casa com a família. A sua mãe, Anna, muda de nome e consegue trabalho como governanta de um médico alemão, em cuja mansão se reúne rotineiramente a Gestapo... O segredo que escondem é a sua salvação, mas aquilo de que Danusha mais se recorda é da profunda solidão que sentia, tendo como única companhia o irmão mais novo, ainda bebé.

Anna sempre desejou que o seu primogénito tivesse sido um rapaz. Tudo o que Danusha sempre quis foi que a sua mãe a amasse como a um primogénito. Em vez disso, teve uma mãe que, ainda que capaz de encarar um nazi nos olhos sem pestanejar, era incapaz de olhar para a própria filha.

Só anos mais tarde, quando os vizinhos se juntam na sua sala de estar para ouvirem as histórias da vida de Anna, é que Danusha descobre finalmente que a mãe, mais do que um mar insondável e frio, foi um céu tempestuoso — ora brilhante, ora sombrio —, que esteve sempre a zelar por si.

Da mesma  
autora:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Romance Histórico

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

ISBN 9789896237820



9 789896 237820 >